

O ATIVISMO DIGITAL: O FEMINISMO NEGRO E A TRAJETÓRIA DO PORTAL GELEDÉS - INSTITUTO DA MULHER NEGRA

Andréa Geisiane Gomes da Silva¹

RESUMO

O presente trabalho fará uma avaliação da trajetória do Portal Geledés - Instituto da Mulher Negra. O portal se articula como mecanismo de mudança social em rede na efetivação dos direitos da mulher negra e propaga a participação democrática na esfera online e no espaço público urbano. A pesquisa terá foco na discussão do feminismo negro, utilizando o portal como política pública antirracista, que procura promover a participação social, bem como as igualdades de gênero, raça e classe. A pesquisa analisa a trajetória do Portal Geledés (Instituto da Mulher Negra) e suas ações na promoção do ativismo digital para o fortalecimento do feminismo negro. Os aspectos metodológicos são a netnografia..

Palavras-chave: Feminismo negro; Ativismo digital; Portal Geledés.

ABSTRACT

The present work will make an evaluation of the trajectory of Portal Geledés - Instituto da Mulher Negra. The portal is articulated as a mechanism of social change in the network in the realization of the rights of black women and propagates democratic participation in the online sphere and in the urban public space. The research will focus on the discussion of black feminism, using the portal as an anti-racist public policy, which seeks to promote social participation, as well as gender, race and class equality. The research analyzes the trajectory of Portal Geledés (Black Women's Institute) and its actions in promoting digital activism to strengthen black feminism. The methodological aspects are netnography.

Keywords: Black feminism; Digital activism; Portal Geledés.

¹ Universidade Federal do Ceará, Mestranda em Avaliação de Políticas Públicas, e-mail: andreageisiane@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Pretende-se realizar neste trabalho uma análise sobre o Portal Geledés - Instituto da Mulher Negra. O portal utiliza o ciberativismo para reivindicar as pautas em defesa das mulheres e homens negros. O mesmo, posiciona-se, também, contra todas as formas de discriminação que anulam a cidadania: lesbofobia, homofobia, preconceitos regionais, de credo, opinião e de classe social, expandido as bandeiras de lutas na área dos direitos humanos, priorizando as questões raciais e de gênero, utilizando ferramentas como: artigos, notícias, palestras e cursos sobre educação e contra ações racistas, e como essas pautas são relacionadas no campo da pesquisa acadêmica e no mundo do trabalho (PORTAL GELEDÉS, 2021).

A escolha do Geledés se deu em relação aos vínculos criados pelos atores sociais - as seguidoras na esfera online e no espaço público urbano. Ou seja, o Portal Geledés propicia a aplicação do ciberfeminismo para propagar os ideais do feminismo negro e emancipar as mulheres negras na esfera virtual e fora dela.

As características dos movimentos sociais na esfera online, bem como seu alcance e como chegam nas pessoas são ramificações dos movimentos sociais contemporâneos. Essas manifestações em rede utilizam a tecnologia para dar ênfase às suas necessidades, desfrutando da liberdade que a internet proporciona para agregar novos ativistas (CASTELLS, 2013).

No século XXI, surgiram novos campos de lutas que agregam pautas identitárias aos movimentos sociais, tais como gênero, questões étnico-raciais, direitos humanos, movimentos culturais e meio ambiente. Os movimentos sociais constituem uma ação coletiva entre os ativistas na contemporaneidade, evidenciando que as manifestações sociais atuam por meio das redes sociais. (GOHN, 2015).

Rede social é constituída por um grupo de pessoas conectadas por determinadas relações sociais, tais como parentesco, amizade, trabalho ou que

tenham algum interesse comum. Rede é definida por um conjunto de atores interligados por um conjunto de laços relacionais (KOZINETTS, 2014).

Ao longo da história do feminismo, mesmo com a participação das mulheres negras, os benefícios das causas favoreceram, primeiramente, as mulheres brancas - de classe média e alta - e, só depois, estenderam-se para as classes na periferia e para as mulheres negras. O feminismo deveria conseguir agregar as especificidades das lutas de todas as mulheres. No entanto, as mulheres negras têm subjetividades que as envolvem, ou seja, essas questões perpassam o feminismo e o Movimento Negro Unificado, evidenciando as novas demandas para o movimento de mulheres negras (CARNEIRO, 2011).

A metodologia será qualitativa e netnográfica que se inter-relaciona com a análise da rede social de diversas formas importantes, pois a etnografia na esfera online tem descrições expansivas, densas e detalhadas que colaboram para o estudo em rede. A netnografia analisa as relações entre os atores sociais e os vínculos existentes entre eles.

A pesquisa avalia o Portal Geledés como política pública para incentivar a participação social na forma de ciberativismo para a proteção da mulher negra, a fim de compreender como a liberdade na internet possibilita o crescimento do ciberfeminismo, partindo do Geledés, que começou como uma ONG localizada em São Paulo e depois tomou notoriedade pela web, com vínculos existentes nas relações sociais entre as seguidoras na esfera online e no espaço público urbano.

Diante do exposto, o objetivo geral é avaliar a trajetória do Portal Geledés (Instituto da Mulher Negra) e suas ações na promoção do ativismo digital para o fortalecimento do feminismo negro e a promoção da igualdade racial. Os objetivos específicos: compreender como o Portal Geledés colabora para a expansão do ciberativismo no feminismo negro e analisar como o portal Geledés tem contribuído para a expansão da igualdade racial.

2 FEMINISMO NEGRO, POR QUE É NECESSÁRIO?

PROMOÇÃO



APOIO



Para entender o feminismo negro é necessário que se tenha a compreensão do que é racismo. Racismo é um sistema de opressão que nega direitos a um grupo e cria uma ideologia que oprime esse mesmo grupo (RIBEIRO, 2018).

O racismo é uma construção ideológica em atos que se concretizam em várias ações de discriminação racial. Ao mesmo tempo que é um discurso excludente, ele é vinculado e reinterpretado conforme os interesses dos que dele se beneficiam (GONZALEZ, 2021).

No século XIX, o racismo favoreceu a divisão da humanidade em raças e gerou uma hierarquia entre elas. É a partir dessas ideias de superioridade e inferioridade existentes entre as raças que as desigualdades no Brasil podem ser explicadas (CARNEIRO, 2011).

Partindo de diversas definições levantadas por autoras, como Sueli Carneiro e Lélia Gonzalez, ativistas do movimento de mulheres negras, encontram-se os pontos de que o racismo é uma filosofia de pensamento e de que, no cotidiano, põe em prática uma hierarquia excludente e inferior para com as pessoas negras. É através dessas definições que se é possível assimilar o papel da mulher negra na sociedade brasileira.

Para compreender o papel da mulher negra na sociedade contemporânea, primeiramente, é necessário captar quais símbolos de resistência ela desenvolveu na época da escravidão, como ela foi a persistência feminina dentro das casas-grandes, nas lavouras e com sua família (mesmo nas poucas horas do dia que ela passava com seus parentes).

A mulher negra escrava tem três características: a de escrava do eito, mucama e mãe preta - com a qual obteve uma resistência passiva. A escrava do eito era a mulher que estimulava seus companheiros para as fugas ou revoltas. Trabalhava entre treze e dezoito horas por dia, a depender das atividades que

executava e, na maioria das vezes, cometia suicídio para que seus filhos não tivessem o mesmo destino que ela (GONZALEZ, 2021).

A mucama tinha a função de manter a casa-grande em todos os níveis, tais como passar, cozinhar, costurar e amamentar as crianças das sinhazinhas. Além disso, sofria com os assédios sexuais do senhor branco que, por vezes, levava parentes mais jovens para se iniciarem com as mucamas mais chamativas (GONZALEZ, 2021).

Como efeito de suas atividades como mucama, a mulher negra deu origem à mãe preta, isto é, ela que na fase inicial da vida (a primeira infância) cuidou e educou os filhos dos seus senhores. Ao contar histórias de africanas como o quibungo, mula sem cabeça e até mesmo sobre o Zumbi dos Palmares, ciente ou não, repassou para o homem branco gêneros da cultura africana - resistência passiva. Pertenceu à mãe preta como sujeito de saber da africanização do português falado (o pretuguês)² (GONZALEZ, 2021).

A mãe preta é que fazia todo o papel de ser mãe, enquanto as mulheres brancas reproduziam e se casavam com os senhores de engenho. A mãe preta deu uma reviravolta na classe dominante, pois passou todos os seus valores e internalizou nela os costumes de matriz africana.

As atividades exercidas na época da escravidão pela mulher negra (escrava do eito, mucama e mãe preta), mesmo que não fossem conscientes, resultaram em papéis de protagonismo de resistência que perpassaram e asseguraram as características da cultura afro-brasileira.

Desde a época da escravidão, percebe-se que as pessoas negras se mobilizam coletivamente: a mulher negra a todo momento estava na linha de frente das lutas. Todavia, ela não obtinha os direitos das causas ganhas, ou seja, ela não tinha a efetivação dos seus direitos. Nessas categorias da mulher negra como símbolo de resistência representada na figura da mucama e mãe-preta,

² Africanização do português falado no Brasil, bem como a africanização da cultura brasileira.

desenvolveu-se a imagem da doméstica que perpassa os fatos sócio-históricos de raça, gênero e classe.

A mulher negra é um agente de mudança social, pois têm uma luta complexa entre ser mulher e ainda ser negra. Essas subjetividades mostram o porquê do feminismo negro, da luta contra o sexismo e das reivindicações antirracistas, tais características dão às mulheres negras ativistas o papel da dupla militância³ (CARNEIRO, 2011).

Ser mulher negra no Brasil significa ter uma dupla militância, ou seja, ela tem que ter “mais esforço”, pois, fica subordinada às pessoas brancas, homens negros e ainda tem que combater o racismo com o qual sofre em sua vida cotidiana.

A necessidade existencial e política que impulsiona o esforço organizativo das mulheres negras evidencia os limites da ação política destes dois movimentos sociais - movimentos negros e os movimentos feministas - que são suas matrizes geradoras. Isto implica a afirmação política de um Movimento de Mulheres Negras ou a configuração da mulher negra como uma nova força política, e significa, ao mesmo tempo, a afirmação de uma crítica política a esses dois movimentos, pois não abrangem suas singularidades (CARNEIRO, 2011).

As mulheres negras têm subjetividades que o movimento feminista e o movimento negro não suprem por serem tão complexos, tanto na inferioridade da mulher negra em relação ao homem branco e ao negro, como também nos requerimentos das mulheres brancas. A mulher negra nunca foi vista como frágil, pois era ela que sempre esteve na luta, durante muito tempo, nas lavouras escravocratas, na “libertação” dos escravos, nas ruas sendo vendedoras para sobreviver e alimentar seus filhos e sua família, nas casas das senhoras brancas e, hoje, como domésticas nas casas de mulheres brancas de classe média alta (CARNEIRO, 2011).

O movimento feminista ou de mulheres “esquece” da questão racial. As mulheres negras vivenciam a discriminação racial e o machismo dos homens

³ Luta complexa do femismo negro - ser mulher e ser mulher negra.

negros e brancos. É necessário a compreensão de que é fundamental a existência - dentro do movimento feminista - do feminismo negro, para que sejam dados os direitos das mulheres negras, retirados durante décadas e que assim permanecem até os dias atuais.

2.1 O mito da democracia racial

A democracia racial em relação a violência simbólica contra as mulheres afro-brasileiras, é correspondente à conexão com o sistema simbólico que é o lugar da mulher negra na sociedade brasileira. Essa condição evidencia a inferioridade e a pobreza agrupadas em uma perspectiva étnica e racial. Esse mesmo fundamento estabelece a inclusão da mulata na objetificação sexual (GONZALEZ, 2020).

O mito da identidade nacional brasileira omitiu a raça para construir uma filosofia de democracia racial, ou seja, ser brasileiro substituindo outras identidades, como as de raça. Em fundamento, ao apagar a categoria política de raça, a democracia racial alterou-se a um discurso nacional, eliminado a linguagem que poderia descrever as desigualdades raciais que impactam a vida das pessoas negras brasileiras (BILGE; COLLINS, 2021).

A democracia racial, como todo mito, está enraizada nas pessoas. Esse mito é um relato fantástico que não fica apenas na ideologia, exemplos disso são as frases: “Racismo no Brasil não existe”, “pessoas negras não precisam de cotas, isso faz com que se tornem superiores”, “o racismo reverso existe”. Na questão social das mulheres negras, o mito da democracia racial está envolto em um “ditado” popular, as aspas são intencionais, pois não é um provérbio se os sujeitos colocam isso em prática e de uma forma que convertam em uma realidade social certa: “negra para trabalhar, mulata para fornicar e branca para casar”.

Com a contextualização do mito da democracia racial fica evidente que ser uma mulher negra no Brasil significa lutar contra o sexismo, machismo e racismo a maior parte do ano, exceto no carnaval, quando a mulher negra se torna o

centro das atenções, quando tudo nela é lindo e chama atenção. Apenas se enxerga beleza e, por quatro dias, o Brasil vive “sem” racismo.

Aqui falaremos de mulata não só como um caráter étnico, mas como uma profissão. No carnaval, uma das frases mais enraizadas é: bebida, mulher e samba. As pessoas ficam admiradas com as passistas, colocando-as como rainhas. Todavia, seus corpos estão sendo desejados (GONZALEZ, 2021).

No rito carnavalesco o mito da democracia racial é atualizado com toda a sua força simbólica. É nesse período que a mulher negra transforma-se em rainha, na “mulata deusa do meu samba”, desejada principalmente por estrangeiros, em sua maioria brancos e loiros, que vem de longe admirar essas mulheres de beleza única. O mito da democracia racial no carnaval exerce sua violência simbólica, em especial, com a mulher negra, pois, ao contrário do endeusamento que acontece nesses dias, no restante do ano essa mesma mulher que é a mais bela de todas é representada como a doméstica (GONZALEZ, 2020).

O mito da democracia racial está presente no cotidiano das mulheres negras brasileiras. Mas há uma “pausa” no período do carnaval para aquelas mulheres que todos os dias sofrem racismo, sexismo e são estigmatizadas. Têm cinco dias de endeusamento, são as rainhas, as protagonistas das festividades. Nesses dias o racismo, a hipersexualização da mulher negra, as violências de gênero ou ficam mais evidentes ou “somem”.

3 O PORTAL GELEDÉS E O ATIVISMO DIGITAL

Com a expansão do movimento feminista em rede e com o avanço das tecnologias da informação e comunicação, bem como com a popularização destes para o público jovem e para mulheres, esses grupos começaram a utilizar as redes sociais, ficando assim evidente a ampliação dos ideais do movimento feminista. No início, o referido movimento social se beneficiava somente das propagandas de televisão e rádio populares para levantar questões relacionadas a sua bandeira de reivindicação.

O objetivo da pesquisa é entender o ciberativismo por meio da análise do Portal Geledés - Instituto da Mulher Negra (PG), se colocando como um aspecto de importante compreensão a expansão da democracia do feminismo negro no ciberespaço. Houve a necessidade de verificar, nesse grupo específico, a coletividade do feminismo negro no Brasil, que utiliza as mídias sociais para a propagação de seus ideais para abranger novos debates, buscando novas ativistas e disseminando suas ideias não só no local – estado/cidade - que sedia o movimento.

O Portal Geledés é uma ONG de cunho político, em prol da defesa das mulheres negras e homens negros, uma vez que, em ambos os grupos, há desvantagens e discriminação social, fazendo com que eles necessitem de visibilidade. Há várias formas de opressões que essas pessoas sofrem, como LGBTQA+fobia, preconceitos regionais, de religião, classe social, entre outros.

O PG, que foi criado em 30 de abril de 1988, é uma organização da sociedade civil que se posiciona em defesa das mulheres e das pessoas negras. O termo Geledés, que se pronuncia “Gueledé”, se refere a uma sociedade secreta feminina das comunidades tradicionais Yorubás. Essa comunidade representa o poder da fertilidade feminina sobre a terra, a procriação e o bem-estar dos seus integrantes. Geledé é, também, um festival anual que homenageia as mães, não pelo fato da maternidade, mas sim, por sua representatividade de anciãs. A cerimônia ocorre na época de seca (entre os meses de março e maio). No festival, os homens usam uma máscara/adorno na cabeça (ver Figura 3) que não pode cobrir o rosto, para demonstrar o poder que as mulheres mais velhas têm (PORTAL GELEDÉS, 2009).

A pesquisa terá o foco nas questões de gênero e raças e analisará as postagens, artigos, entrevistas e ações do ativismo digital do referido portal. As áreas prioritárias da ação política e social do Geledés são as questões raciais e de gênero, e como esses temas se entrelaçam com os direitos humanos, saúde, mercado de trabalho, educação, pesquisa acadêmica e as políticas públicas.

Segundo o portal, as ações do Geledés são projetos próprios ou em parceria com outras organizações que defendem o direito à cidadania, juntamente com o monitoramento do portal e o debate que se levanta dos referidos temas no Brasil e no mundo.

O PG é uma assembleia pública de aparecimento da sociedade em rede brasileira. Ele caracteriza a importância significativa da coletividade que envolve especialmente gênero e raça, deixando evidente que a população do Brasil é subjetiva e diversa. O uso da tecnologia desenvolve novos modelos de ação política. Sendo assim, o PG é um exemplo da execução política para as mulheres negras brasileiras.

Na questão racial o Geledés junta-se às lutas dos movimentos negros, pela criminalização de qualquer forma de ato racista e suas diversas manifestações na sociedade brasileira. O portal trabalha a defesa das políticas de ações afirmativas nos diferentes campos das políticas públicas para que, assim, haja uma eliminação das desigualdades raciais, promoção e valorização social da população negra (PORTAL GELEDÉS, 2021).

3.1 As redes sociais e o ativismo digital

A análise de redes sociais é um método que tem como foco as estruturas e os padrões de relacionamentos entre os atores sociais⁴ em uma rede. A análise das redes sociais divide-se em duas principais unidades de pesquisa: os “nodos” e o vínculo da relação entre os atores (KOZINETTS, 2014).

Conforme anteriormente mencionado nas subseções acima, a rede social é um grupo de pessoas, conectadas por determinadas relações sociais, tais como parentesco, amizade, trabalho ou que tenham algum interesse comum. A rede é constituída por um conjunto de atores interligados por um conjunto de laços

⁴ Também denominados como “nodos” na sociedade em rede.

relacionais, os “nodos”, podendo ser equipes, pessoas, ideias e mensagens entre outras designações (KOZINETTS, 2014).

Os movimentos sociais em rede utilizam as ferramentas tecnológicas (online) para alinhar-se aos movimentos anticapitalistas, por exemplo, redes com temas específicos, como as das mulheres ou organizações que atuam sobre as questões de gênero, redes socioculturais com características étnicas, religiosas, procedentes de práticas sociais contemporâneas. Esses recursos trazem em seus participantes sentimentos de pertencimentos (GOHN, 2015).

O PG, ao utilizar os instrumentos tecnológicos, efetiva suas pautas antirracistas e propaga a igualdade de gênero e classe. Isso pode ser notado nos programas concluídos, tanto na esfera online, bem como, no espaço público urbano, concretizando-se assim, uma rede de mecanismos de mudança social. O Geledés, ao ser referência nas comunidades eletrônicas, expande parcerias que colaboram para a realização de suas reivindicações. Um exemplo disso é o trabalho conjunto com grandes empresas responsáveis por gerenciar as maiores redes sociais mundiais (Instagram e Twitter). Essa simultaneidade é crucial para o alcance do maior número de pessoas em diferentes níveis demográficos (local, regional, nacional e internacional).

3.2 Internet chega a todos?

No sistema capitalista a desigualdade social é uma característica evidente. Nesse sentido, é necessário analisar o acesso à internet, pois, explorar o ativismo digital é compreender que os usuários precisam de um acesso à internet de qualidade.

Uma pesquisa feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com dados referenciados de 2019, mostra que 82,7% das famílias brasileiras têm acesso à internet. A referida pesquisa mostra, no site do Governo Federal, que a abrangência da conectividade dos brasileiros está cada vez maior.

Todavia, deve-se levar em consideração que a pesquisa foi feita em 2019, antes da pandemia.

Uma reportagem feita pelo site GHZ, no dia 26/06/2021, mostra que há uma contradição com os dados que o IBGE fornece. A notícia tem o título “Falta de internet ou acesso precário afetam mais pobres e potencializam as desigualdades”.

Na descrição da matéria é notório que, mesmo com o acesso dessa família à internet, esse acesso é precário, primeiro por não conseguirem colocar uma rede wi-fi, segundo por não terem como acessar à internet e terceiro que essas pessoas só podem ter acesso à internet se elas tiverem dinheiro para colocar créditos, que se expirarão em poucos dias. Sendo assim, é correto afirmar que essas pessoas estão conectadas à internet? Como elas, milhares de brasileiros vivem na mesma situação e não conseguem ter acesso à internet.

4 CONCLUSÃO

As redes sociais são um mecanismo de mudança social, que efetiva a participação na esfera online e no espaço urbano público. Sendo assim, é notório a relevância crítica que o Portal Geledés tem em sua trajetória, os vínculos que ele cria entre as seguidoras e a promoção do ativismo digital do feminismo negro.

É necessário para a representatividade do feminismo negro uma pesquisa referente a um portal que tenha em suas pautas a promoção da igualdade racial e da questão de gênero.

No Portal Geledés, os vínculos potentes estão entre as seguidoras e seguidores que frequentemente curtem, comentam e compartilham postagens do referido site. Já a conexão fraca, por outro lado, se dá nas seguidoras e seguidores que não interagem com nenhum conteúdo do site ou, se interagem, é um contato raro. Todavia, os contatos fracos entre as seguidoras do PG podem transformar-se em fortes, pois pode ocorrer de alguns artigos, postagens ou projetos em

andamento levantarem curiosidades entre esses nodos de fracos vínculos, podendo, assim, gerar interesses que antes não eram comuns.

As investigações de rede social ajudam a examinar sobre como as redes sociais se manifestam por meio da conectividade da rede de computadores. É evidente que a mudança tecnológica está se incorporando ao que se chama de mecanismos de mudança social. As vinculações das redes sociais podem tornar as conexões fracas em fortes à medida que as pessoas acrescentam novos tipos de junções, tais como encontrar-se pessoalmente ou sincronamente online (KOZINETTS, 2014).

O Geledés incentiva a permanência de vínculos fortes e tem um grande potencial para transformar conexões fracas em relações firmes, pois ele oferece cursos de formação para a comunidade (de forma presencial e remota), faz *lives* no Instagram e apoia a organização de movimentos sociais em rede e fora delas, fortalecendo, assim, os vínculos de seus atores sociais.

REFERÊNCIAS

BILGE, Sirma; COLLINS, Patricia Hill. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.

BRASIL. Ministério das Comunicações. **Pesquisa mostra que 82,7% dos domicílios brasileiros têm acesso à internet**. Publicado em 14 abr. 2021 e atualizado em 06. set. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mcom/pt-br/noticias/2021/abril/pesquisa-mostra-que-82-7-dos-domicilios-brasileiros-tem-acesso-a-internet>. Acesso em: 13 jun. 2022.

CARNEIRO, Sueli. **Mulher Negra**. São Paulo: Editora: Geledés – Instituto da Mulher

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo : Selo Negro, 2011.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2003.

DAVIS, Angela. **Mulher, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-latino-americano**. Rio de Janeiro, ZAHAR, 2021.

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

KOZINETTS, Robert V. **Netnografia**: Realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014.

MAZON, Elana. Falta de internet ou acesso precário afetam mais pobres e potencializam desigualdades. **GZH COMPORTAMENTO**. Publicado em 26 jun. 2021. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2021/06/falta-de-internet-ou-acesso-precario-afetam-mais-pobres-e-potencializam-desigualdades-ckqcuwywn00ap0180sp3ytrjd.html#:~:text=Segundo%20dados%20da%20Pesquisa%20Nacional,7%25%20de%202018%20para%202019>. Acesso em: 13 jun. 2022.

PORTAL Geledés. **O que é Geledés?** GELEDÉS Instituto da Mulher Negra: São Paulo, 2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-que-e-geledes/>. Acesso em: 18 nov. 2022.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

PROMOÇÃO



APOIO